

ENSINO DE EMPREENDEDORISMO: DISCUSSÃO DE ESPAÇOS E PROPOSTA DE ECOSISTEMA

ENTREPRENEURSHIP TEACHING: DISCUSSION ABOUT SPACE AND ECOSYSTEM PROPOSAL

Patrícia Viveiros de Castro Krakauer

Eric Krakauer

Roberto Coda

Resumo

Ao se pesquisar sobre o ensino de empreendedorismo, percebeu-se que o papel das instituições de ensino no fomento ao empreendedorismo não é singular, estando atrelado a diferentes abordagens e espaços nem sempre percebidos como parte de um ecossistema de fomento a esse tipo de comportamento. Esta pesquisa visa apresentar os espaços existentes para o ensino de empreendedorismo em universidades brasileiras e propor um desenho inicial de um ecossistema do ensino empreendedor, com vistas a que pesquisas futuras possam testá-lo e aprimorá-lo. Trata-se de uma pesquisa exploratória, com abordagem qualitativa, que investigou cinco entre as principais universidades brasileiras. Além do levantamento de dados secundários, contou também com entrevistas em profundidade com professores de empreendedorismo. A análise de resultados mostrou que vários espaços são possíveis dentro de instituições de ensino para o ensino e fomento de empreendedorismo, entre elas, disciplinas, laboratórios, centros, incubadoras e núcleos.

Outros agentes também se mostraram existentes, como governo, aceleradoras e instituições de fomento. A pesquisa justifica-se pela não convergência teórico-empírica sobre a temática, contribuindo com instituições que almejem aprimorar o seu ensino de empreendedorismo e com futuros pesquisadores que queiram dar continuidade à proposta apresentada.

Palavras-chave: Ensino de empreendedorismo. Ecosistema. Instituições de ensino.

Abstract

When you research about entrepreneurship teaching, it was noticed that the role of educational institutions in the promotion of entrepreneurship is not singular, being attached to different approaches and existent spaces not always perceived as part of an ecosystem that promotes this kind of behavior. This research aims to present the existing spaces for teaching entrepreneurship in Brazilian universities and to propose an initial picture of the ecosystem of the teaching of entrepreneurship, with the purpose of having future researches being able to test it and improve it. It is an exploratory research, with a qualitative approach, that investigated 5 among the main Brazilian universities. Besides the secondary data collection, in-depth interviews with entrepreneurship teachers were also included. The analysis of the results showed that several spaces are possible inside educational institutions for the teaching and promotion of entrepreneurship, among them, laboratory disciplines, centers, incubators and nucleus. Other agents also proved existents, such as government, accelerators and promoting institutions. The research is justified by the theoretical-empirical convergence on the subject. It contributes to institutions that aim to improve their entrepreneurship teachings and with future researchers who would want to give continuity to the proposal presented.

Keywords: Entrepreneurship teaching. Ecosystem. Educational institutions

1.Introdução:

Ao se pesquisar sobre o ensino de empreendedorismo e suas várias facetas, percebe-se que o papel das instituições de ensino no fomento ao empreendedorismo não é singular, estando atrelado a diferentes abordagens e espaços nem sempre percebidos como parte de um contexto voltado ao ensino de uma temática que ainda carece da definição de objetivos claros que norteiem respostas no que tange ao entendimento do porquê se ensinar, o que o aluno fará com esse aprendizado e como se ensinar. Nesse ponto, focalizam-se vários aspectos, como métodos de ensino, didáticas e se a disciplina e a sala de aula seriam necessárias ou suficientes para o aprendizado deste saber.

Ao se observar os sessenta planos de ensino de cinco das principais universidades brasileiras que fizeram parte do *corpus* da presente pesquisa, percebeu-se que a dificuldade começa no entendimento do que seria ensinar empreendedorismo, visto que, na maioria dessas disciplinas, consideradas de empreendedorismo, a lente está na abertura de pequenas empresas e no desenvolvimento de planos de negócios. Autores como Corbett (2005) e Honig (2004) já questionavam o uso indiscriminado de plano de negócios em disciplinas de empreendedorismo e Krakauer, Serra e Almeida (2017) pontuam que o ensino de plano de negócios deve ser apenas de ordem instrumental e não o foco do ensinar do empreendedorismo.

A caracterização do empreendedorismo como um fenômeno que agrega uma visão integrada de várias perspectivas – social, psicológica, econômica e de gestão – e não apenas relacionada a abertura de uma empresa, faz com que o entendimento do ensino da temática tenha outro viés. Nele, questões relacionadas ao comportamento empreendedor, como avaliação de risco, desenvolvimento de projetos, busca do novo e de oportunidades, podem passar a ter destaque.

Características ou traços comportamentais como comunicar-se com facilidade, demonstrar foco ou articular-se para conciliar visões conflitantes são determinantes que formam o perfil comportamental de cada um, ou seja, representam um padrão que mostra ações repetitivas de determinado indivíduo, tanto na vida pessoal como na organizacional, e representam preferências naturais de um indivíduo ao agir (CODA, 2016). Tais comportamentos, segundo esse autor, podem ser aprendidos, desenvolvidos ou aprimorados, o que vai ao encontro da educação empreendedora no

que tange ao entendimento de ser a mesma um processo (NECK; GREENE, 2011; POLITIS, 2005) que busca o estímulo a um pensar e um agir empreendedor (KRAKAUER *et al.*, 2017).

A importância e o papel da universidade para o ensino de empreendedorismo foram destacados em trabalhos anteriores, como os de Etzowitz *et al.* (2000) e Kirby (2004). Mais recentemente, passou a ser considerada emergente a pesquisa sobre o que ensinar no que concerne ao empreendedorismo, seja para propor e testar métodos, seja para compreender a disciplina e seus currículos (KATZ *et al.*, 2016). No contexto contemporâneo do empreendedorismo, a disciplina parece não ser suficiente para o aprendizado (KRAKAUER *et al.*, 2017), mas continua sendo importante como meio para a formalização de um aprendizado, sendo a sala de aula percebida por Plonski e Carrer (2009, p.119) como um espaço tradicional, fundamental, “no qual os estudantes são expostos metodicamente aos conhecimentos preexistentes e relevantes para a carreira de escolha”, mas que não exclui a existência de outros, como laboratórios e incubadoras, que se voltem ao desenvolvimento de processos que possam transformar ideias em soluções para a sociedade.

A percepção de outros espaços possíveis para o ensino (PLONSKI; CARRER, 2009) e o entendimento de que a universidade faz parte de um ecossistema empreendedor (ISENBERG, 2010) são elementos que fazem com que estudantes possam vivenciar o que aprenderam em sala de aula e sejam estimulados a pesquisar e inovar, consolidando o que Plonski e Carrer (2009, p. 119) denominaram como “triângulo do conhecimento”: uma articulação entre educação, pesquisa e inovação que traz benefícios tanto para os que querem empreender, quanto para os que querem a versão clássica do emprego.

Os diversos espaços dentro e fora das instituições de ensino possibilitam diferentes atividades para se ensinar empreendedorismo. Algumas instituições oferecem palestras e seminários, outras, disciplinas específicas. Existem ainda instituições que promovem ações mais abrangentes, como a existência de centros de empreendedorismo, incubadoras e empresas juniores (PLONSKI; CARRER, 2009).

Dada a percepção de que para o fomento do empreendedorismo existem outros espaços nas universidades além do reservado para a disciplina, a atual pesquisa

buscou responder quais seriam eles, investigando através de dados secundários as possibilidades existentes em cinco entre as principais universidades brasileiras. Trata-se, portanto, de uma pesquisa exploratória que visa a apresentar os espaços existentes para o ensino de empreendedorismo em universidades brasileiras e propor um desenho inicial de um ecossistema do ensino empreendedor, com vistas a que pesquisas futuras possam testá-lo e aprimorá-lo.

Pesquisas anteriores mostram que ainda não há convergência teórico-empírica sobre o ensino de empreendedorismo (NECK; GREENE, 2011; KATZ *et al.*, 2016; KRAKAUER *et al.*, 2017; VANEVENHOVEN, 2013). Trata-se, portanto, de um tema de fronteira, carente de constructos teóricos, o que justifica um estudo exploratório como o atual.

2. Sobre Ensino de Empreendedorismo e Ecossistema Empreendedor

Com o passar de sete décadas desde que o primeiro curso de empreendedorismo foi ministrado nos Estados Unidos, na Harvard Business School, observa-se que houve, não apenas nesse país, mas em vários outros, um crescente aumento da oferta de cursos e disciplinas relacionadas com o assunto, tanto em graduação quanto em pós-graduação, além de cursos não formais. Junto com tal despertar, cresceu também o interesse acadêmico sobre a temática, abordando diferentes aspectos do campo de pesquisa (KATZ, 2003).

Um desses aspectos é o ensino do empreendedorismo, partindo da premissa de que o mesmo, como um comportamento, pode ser ensinado. Kuratko (2004, p.12), inclusive, considera que o “questionamento sobre se o empreendedorismo pode ser ensinado é obsoleto”. Além disso, pesquisas mais recentes buscam o entendimento sobre o que deve ser ensinado (KATZ *et al.*, 2016), bem como métodos e didáticas específicas (NECK; GREENE, 2011; VANEVENHOVEN, 2013).

Outros, como Corbett (2005) e Honig (2004), discutem sobre o objetivo do ensino, especificamente sobre a relação próxima com a temática plano de negócios. Esses autores apontam que ensinar empreendedorismo e ensinar a elaborar um plano de negócios não são a mesma coisa. Neck e Greene (2011) corroboram essa opinião ao

comentar que ensinar empreendedorismo não pode ter relação direta apenas com a abertura de novos negócios, pois se trata de um ensino excludente, que coloca aqueles que não têm interesse em ser proprietários de empresas em situação desconfortável, desmotivando-os em relação à temática. Ambos entendem que o que deve nortear o ensino de empreendedorismo é o desenvolvimento de uma forma de pensar empreendedora, ou seja, de um comportamento empreendedor, conforme mencionado por Coda (2016).

Tais diferenças conceituais abraçam também a conceituação da aprendizagem empreendedora: Politis (2005) a define como um processo contínuo que facilita o desenvolvimento de conhecimentos necessários para criar e gerenciar novos negócios. Jones e English (2004), por sua vez, a consideram como o aprendizado de habilidades que podem ser ensinadas e comportamentos que devem ser desenvolvidos no indivíduo, de forma a auxiliá-lo na busca da inovação.

Além da dificuldade conceitual, trata-se de um campo que envolve o conhecimento de várias disciplinas. Fillion (1999) já vislumbrava que o empreendedorismo seria um aglutinador das ciências humanas, por ser um dos poucos assuntos que consegue atrair uma gama de especialistas variados. Ser multidisciplinar envolve várias dificuldades: uma delas, mencionada por Hannon (2006), é o papel do docente, que deve estar preparado para discutir temas diversos de interesse de cada grupo, o que demanda um maior esforço no que diz respeito ao planejamento instrucional da disciplina. Entretanto, como mencionado por Krakauer (2014), nem sempre isso é condizente com a forma de trabalho horista que vigora em muitas graduações brasileiras.

Diante de tais considerações, percebe-se a emergência de se discutir, além de objetivos, conteúdos, currículos e métodos, os espaços possíveis para tal aprendizado. Hashimoto (2013), ao pesquisar sobre centros de empreendedorismo, percebe a importância da vivência prática no ensino do tema e comenta que, por isso, não se aprende empreendedorismo apenas na sala de aula. Bernardes e Martinelli (2004) também comentam o papel que possui o centro de empreendedorismo na educação empreendedora e acrescentam as atividades pertinentes aos centros: cursos, disciplinas, pesquisa, incubadoras e consultoria. Os autores dividem essas atividades

em dois focos: interno (acadêmico), e externo (voltado para a comunidade), mostrando a relação próxima da academia com empresas e comunidade, quando se trata de empreendedorismo.

Lemos (2012) apresenta vários espaços e agentes, almejando apresentar um ecossistema de empreendedorismo existente em universidades, entre eles: infraestrutura, governo, alunos, professores, tecnologias, incubadoras, faculdades, centros de empreendedorismo e empresas. Sua representação engloba mais os agentes promotores e que possuem vínculo com o fomento do empreendedorismo, do que os espaços para o seu aprendizado, foco do atual estudo. Destaca-se que o termo ecossistema empreendedor começou a despontar na academia na primeira década dos anos 2000, tendo como um dos estudos consagrados na temática o de Isenberg (2010; 2011), sendo definido por Regele e Neck (2012) como um conjunto de condições que fomentam o empreendedorismo.

As instituições de ensino também fazem parte do diagrama que apresenta o ecossistema empreendedor proposto por Isenberg (2011). Para esse autor, vários são os elementos que estimulam ou interferem no processo de empreendedorismo, sendo que a combinação dos elementos depende do ambiente em que o sistema está inserido. Contudo, alguns elementos estão sempre presentes e constituem o pilar de ecossistemas empreendedores: política, finança, cultura, mercado, capital humano – nesse domínio entram as instituições de ensino – e elementos de suporte, como profissionais que podem dar suporte ao empreendedor – contadores, investidores, publicitários, como exemplos.

O trabalho de Kon *et al.* (2014) também aponta a universidade como um dos elementos do ecossistema empreendedor - no caso, de *startups*, denotando o importante papel que a mesma possui para o fomento do empreendedorismo. Contudo, nenhum dos quatro trabalhos consultados sobre ecossistema empreendedor – Isenberg (2010; 2011), Kon *et al.* (2014) e Regele e Neck (2012) – abrem a possibilidade de se investigar os espaços dentro da universidade para o ensino de empreendedorismo, o que pode ser a continuidade de tais trabalhos por pesquisadores que se interessem por ensino.

3. Método

Esta pesquisa possui natureza exploratória e abordagem qualitativa, consoante com estudos da área de ciências humanas e sociais que possuem como objeto de estudo o homem e sua relação com o mundo e com os dois objetivos propostos para a realização da pesquisa, a saber: (1) apresentar os espaços existentes para o ensino de empreendedorismo em universidades brasileiras e (2) propor um desenho inicial de um ecossistema do ensino empreendedor.

A abordagem qualitativa é uma possibilidade para estudos exploratórios, em parte por não buscar testar aquilo que já se conhece, mas sim por “embasar suas descobertas em material empírico”, sendo que a relevância da pesquisa qualitativa está nos seus achados e na reflexividade do pesquisador sobre os mesmos (FLICK, 2009, p.24).

A pesquisa de campo se articulou em duas fases distintas e consecutivas, que se entremeiam de modo a construir o *corpus* da pesquisa. Na primeira fase, efetuada em abril/2016 e atualizada em fevereiro/2018, foi realizado um levantamento de dados secundários em cinco das principais universidades brasileiras, buscando mapear os espaços existentes nas mesmas para o ensino e fomento ao empreendedorismo. Os procedimentos nessa fase foram:

1. Seleção das universidades que fariam parte da pesquisa. Foram selecionadas as cinco primeiras universidades brasileiras listadas no ranking universitário Folha (RUF, 2015): Universidade de São Paulo (USP), Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP) e Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS).
2. Elaboração do protocolo da pesquisa, de forma que o levantamento fosse realizado seguindo o mesmo padrão nas cinco instituições em estudo. Para a elaboração do protocolo, seguiu-se o preconizado por Yin (2005), que indica que esse deve conter as regras e procedimentos seguidos para a coleta de dados. Para o autor, o protocolo “destina-se a orientar o pesquisador ao realizar a coleta de dados” (YIN, 2005, p. 92) e deve apresentar, de uma forma geral, quatro seções: visão geral, procedimentos

de campo, questões de estudo e esboço de resultados. Dessa forma, na presente pesquisa, essas seções foram adaptadas para um levantamento de dados secundários e consideraram: (i) visão do projeto, (ii) procedimentos de campo, (iii) fontes da pesquisa, (iv) dados da coleta e (v) resultados.

3. Busca pelos *syllabus* das disciplinas de empreendedorismo existentes, disponibilizados em canais públicos. Essa etapa foi atualizada em fevereiro de 2018, de forma a incorporar novos planos de aula.
4. Busca pelos espaços adicionais utilizados para o ensino e fomento de empreendedorismo, através de visita a *websites*. Essa etapa foi também atualizada em fevereiro de 2018.

Na segunda fase, que ocorreu em maio/junho/2016, foram realizadas entrevistas semiestruturadas com professores de empreendedorismo, objetivando discutir a suficiência da disciplina e a existência de outros espaços além da sala de aula, validando os achados provenientes do levantamento de dados secundários. Foram enviados 30 convites para os docentes das universidades envolvidas e obteve-se 09 aceites. Pode-se perceber o perfil dos participantes no Quadro 1.

Quadro 1: Perfil dos respondentes

Perfil		Total de respondentes
Gênero	Masculino	05
	Feminino	04
Tempo de docência	Entre 1 e 5 anos	01
	Entre 6 e 10 anos	02
	Mais de 10 anos	06
Área (*)	Sociais aplicadas	08
	Engenharias	02
	Humanas	01

(*) Possibilidade de múltiplas respostas.

Para a realização das entrevistas, seguiu-se o preconizado por Flick (2009): (1) qualificação do respondente; (2) realização da entrevista pessoal; (3) transcrição da entrevista; e (4) validação dos achados com o entrevistado.

Para a análise das entrevistas, foi utilizado o método da análise de conteúdo (BARDIN, 2006), sendo que o processo ocorreu em três etapas: (1) análise prévia (organização do material coletado através da leitura, seleção e classificação); (2) exploração do material (descrição analítica através da codificação do material por palavras-chaves) e (3) tratamento dos resultados e interpretação.

4. Resultados

Sobre as universidades pesquisadas

A Universidade de São Paulo foi fundada em 1934 como universidade, sendo que a Faculdade de Direito está ativa desde 1827. É uma universidade pública, mantida pelo governo do estado de São Paulo. Considerada a mais importante universidade brasileira, é também prestigiada e reconhecida no mundo, despontando em rankings internacionais, o que a posiciona como a principal universidade da América Latina. Possui *campi* em sete cidades diferentes do estado de São Paulo e em 2015 possuía mais de 59 mil alunos na graduação e 30 mil na pós-graduação (USP, 2015).

A Universidade Federal do Rio de Janeiro é considerada a primeira instituição de ensino superior brasileira, por estar ativa desde 1792 como Escola Real Academia de Artilharia, Fortificação e Desenho, que deu origem à Escola Politécnica da UFRJ. Foi também a primeira a se constituir como universidade federal, em 1920. Com três *campi* e vários polos educacionais, é uma das principais universidades brasileiras e também reconhecida mundialmente. Dados de 2013 apresentam mais de 48 mil alunos na graduação e 5 mil alunos na pós-graduação (UFRJ, 2013).

A Universidade Federal de Minas Gerais foi fundada em 1927 como instituição privada e passou a ser pública em 1949. Possui quatro *campi* e várias unidades, espaços de ciência e tecnologia e museus. Considerada uma importante universidade brasileira, possui quase 49 mil alunos, entre graduandos e pós-graduandos, 75 cursos de

graduação (UFMG, 2015) e quase 900 grupos de pesquisa (CNPQ, 2016). Desponta em vários rankings internacionais e também é destaque na América Latina.

Fundada em 1966, a Universidade Estadual de Campinas é considerada uma instituição jovem que já conquistou forte tradição no ensino e pesquisa. Com três *campi*, possuía em 2014 mais de 18 mil alunos na graduação e quase 16 mil alunos matriculados na pós-graduação. É uma universidade com forte vínculo com o setor produtivo, tendo atraído para suas imediações um polo de indústrias de alta tecnologia, algumas geradas a partir da iniciativa de alunos e professores (UNICAMP, 2014).

As primeiras escolas que depois constituíram o que hoje conhecemos como Universidade Federal do Rio Grande do Sul possuem como ano inicial o de 1895. Em 1934 passou a ser considerada universidade – na ocasião, Universidade Porto Alegre – e possui, de acordo com dados de 2014, 27 unidades de ensino, sendo 13 institutos, 10 faculdades e 4 escolas. Com 900 grupos de pesquisa, quase 3 mil professores no ensino superior e mais de 30 mil alunos na graduação, a universidade possui vários projetos sociais e culturais, além de um planetário e um museu voltado para estudos e valorização da história de Porto Alegre (UFRGS, 2014).

Sobre o ensino, a pesquisa e o fomento ao empreendedorismo

Especificamente sobre empreendedorismo, foram encontradas 77 disciplinas distribuídas nas cinco universidades, sendo que, destas, foram encontrados 60 *syllabus* disponibilizados de forma pública na internet (Quadro 2).

Quadro 2: Resultados obtidos com o levantamento das disciplinas de empreendedorismo

Universidade	Total de disciplinas encontradas (graduação + pós-graduação)	Total de <i>syllabus</i> encontrados
USP	35	35
UFRJ	15	14
UFMG	21	07

UNICAMP	03	03
UFRGS	03	01
Total	77	60

Além da busca por disciplinas, também foi realizada uma busca pela existência de grupos de pesquisa e de incubadoras, aceleradoras ou iniciativas correlatas, como centros de empreendedorismo.

No que tange à existência de grupos de pesquisa, a investigação foi realizada diretamente no diretório do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPQ, 2016) em maio/2016, tendo sido procurados grupos que contivessem a palavra 'empreendedorismo' em suas linhas de pesquisa cadastradas no diretório. Foram encontrados 426 registros, sendo que, desses, 27 pertenciam às universidades pesquisadas no presente estudo – 13 na USP, 4 na UFRJ, 2 na UFMG, 2 na UNICAMP e 6 na UFRGS.

Apesar das disciplinas analisadas serem oferecidas em diferentes áreas do saber, grupos de pesquisa sobre a temática ainda se concentram na administração (17 grupos), área de origem de estudos com esse teor. Outras áreas que apresentaram grupos de pesquisa com linhas de empreendedorismo foram: 4 na economia, 1 nas engenharias, 1 na educação, 2 nas ciências da informação e 2 na área da saúde. Também se percebeu que os grupos se formaram recentemente, a partir de 2001.

Na opinião destes pesquisadores, 27 grupos de pesquisa com linhas voltadas ao empreendedorismo nas cinco principais universidades brasileiras é um número pequeno, frente aos 426 grupos listados pelo diretório. Além disso, foram listados apenas 154 pesquisadores – entre docentes e discentes – envolvidos com as linhas de pesquisa em questão, carecendo tais dados de investigação futura. Tais números são contrários à colocação de Politis (2005), que menciona ser o processo de aprendizagem de empreendedorismo um processo contínuo, não restrito a disciplinas, mas extensivo a outras atividades, sendo que a de pesquisa seria uma opção.

Buscou-se também a existência de incubadoras, aceleradoras, centros e outras atividades afins que estimulassem o empreendedorismo dentro das universidades em estudo. De acordo com a Associação Nacional de Entidades Promotoras de

Empreendimentos Inovadores (ANPROTEC, 2016) existem 384 incubadoras em operação no Brasil. A partir dessa lista, foram extraídas as incubadoras e iniciativas correlatas ligadas às universidades investigadas na presente pesquisa. São elas:

- Centro de Inovação, Empreendedorismo e Tecnologia (CIETEC): é uma associação sem fins lucrativos que tem como missão promover o empreendedorismo inovador. Com 16 anos no mercado, graduou 140 empresas e registrou 34 patentes (dados de 2014).
- Agência USP de Inovação: existente na USP desde 2005, a agência de inovação atua na proteção do patrimônio industrial e intelectual gerado na universidade, efetuando todos os procedimentos necessários para o registro de patentes, marcas, direitos autorais de livros, softwares, músicas, entre outras criações (dados de 2016).
- INOVA, ligado à UFMG: criada em 2003 a partir da iniciativa de professores da universidade, recebeu em 2007 o Prêmio Nacional de Empreendedorismo Inovador da ANPROTEC. Tem 64 empresas apoiadas, 8 patentes nacionais e uma patente internacional (dados de 2016).
- Incubadora de Empresas de Base Tecnológica da UNICAMP (INCAMP): ambiente de estímulo à criação e desenvolvimento de novas empresas de base tecnológica. Fundada em 2001, possui em seu portfólio 45 empresas graduadas e 19 em fase de incubação (dados de 2016).
- Centro de Empreendimentos em Informática (CEI): desde 1996 vem incentivando a criação e desenvolvimento de empresas da área tecnológica. Integrado ao Instituto de Informática da UFRGS, é considerado um modelo de referência, tendo mais de 40 empresas em seu portfólio (dados de 2016).
- Incubadora Empresarial do Centro de Biotecnologia (IE/Cbiot) – UFRGS: apoia empresas nas áreas de saúde, agroindústria e meio ambiente, além de promover atividades de ensino e treinamento na UFRGS. Apresenta algumas inovações como o banco de ideias, banco de oportunidades e a usina do empreendedor.
- Incubadora Tecnológica Hestia: considerada como órgão auxiliar do Instituto de Física e Escola de Engenharia da UFRGS, busca a promoção de um ecossistema

empreendedor, bem como favorecer e estimular a atividade empreendedora da comunidade na qual está inserida. Desde 2004, e com importantes parcerias como Endeavor, Anjos do Brasil e WOW aceleradora, algumas de suas empresas incubadas e/ou graduadas são de professores ou de ex-alunos dos programas de graduação ou pós-graduação.

Foi também realizado um levantamento pela internet no *site* das universidades, que levou à inclusão, na lista anterior, de mais algumas incubadoras encontradas pelos pesquisadores:

- Habits Incubadora Escola – *campus* da Escola de Artes, Ciências e Humanidades da USP: iniciou suas atividades em 2012 com o recebimento de 37 projetos.
- Incubadora Tecnológica de Cooperativas Populares (ITCP): vinculada à Pró-Reitoria de Cultura e Extensão Universitária da USP, tem como objetivo desenvolver e disseminar conhecimentos sobre economia solidária.
- Incubadora de Empresas de Base Tecnológica COPPE: com mais de 20 anos de funcionamento na UFRJ, possui em seu portfólio várias empresas premiadas.
- Centro de Empreendedorismo e Inovação (INOVATEC) da UFMG: no site do projeto, há uma menção de que existe a convicção de que o centro de empreendedorismo encurta a distância entre a pesquisa na universidade e a sua aplicação para a sociedade. Apesar de ser uma referência mundial, acreditam que podem crescer e favorecer cada vez mais a pesquisa e as oportunidades profissionais.

Alguns parques tecnológicos próximos às universidades em estudo, administrados ou não pelas mesmas, também foram encontrados, sendo que a maioria volta seus esforços ao fomento do empreendedorismo:

- Parque de Ciência e Tecnologia da USP.
- Parque Tecnológico do Jaguaré.
- Parque Tecnológico do Rio de Janeiro.

- Parque Tecnológico de Belo Horizonte.
- Polo de Alta Tecnologia de Campinas (Polo I e Polo II da CIATEC).
- Parque Científico da UNICAMP.
- Parque Científico e Tecnológico da UFRGS – ZENIT.

Para sintetizar o que foi encontrado no que concerne aos espaços para estímulo a um pensar e agir empreendedor nas instituições investigadas, foi elaborado o Quadro 3, que apresenta de forma sintética os achados com o levantamento de dados secundários. Considera-se que o Quadro 3 não apresenta todas as atividades das universidades, mas apenas algumas delas, visto não ser a atividade *per se* o objeto de estudo desta pesquisa, que consiste no pilar para a determinação de espaços que hoje são ofertados pelas mesmas no que diz respeito ao ensino ou fomento de empreendedorismo. São eles: disciplinas, incubadoras, parques tecnológicos e outros, como, agências e centros de empreendedorismo.

Quadro 3: Resumo das atividades de ensino e fomento encontradas

INSTITUIÇÃO	ESPAÇO	O QUE FOI ENCONTRADO
USP	Disciplinas	35 disciplinas
	Incubadoras	CIETEC HABITS ITCP
	Parques	Parque de Ciência e Tecnologia da USP Parque Tecnológico do Jaguaré
	Outros	Agência de Inovação
UFRJ	Disciplinas	15 disciplinas
	Incubadoras	COPPE
	Parques	Parque Tecnológico do Rio de Janeiro
UFMG	Disciplinas	21 disciplinas
	Incubadoras	INOVA
	Parques	Parque Tecnológico de Belo Horizonte
	Outros	INOVATEC
UNICAMP	Disciplinas	03 disciplinas
	Incubadoras	INCAMP
	Parques	Polo de Alta Tecnologia de Campinas Parque Científico da UNICAMP
	Outros	Agência de Inovação (INOVA)

INSTITUIÇÃO	ESPAÇO	O QUE FOI ENCONTRADO
UFRGS	Disciplinas	03 disciplinas
	Incubadoras	CEI IECBIOT HESTIA
	Parques	Parque Científico e Tecnológico da UFRGS

Após o levantamento de dados secundários, foi possível realizar as entrevistas semiestruturadas, buscando validar os espaços encontrados e identificar outros não localizados com a investigação da fase 1 da pesquisa. Foram entrevistados nove professores que aceitaram o convite para a participação voluntária na pesquisa, conforme apresentado na seção 3.

Todos os respondentes concordaram com os espaços adicionais levantados na fase 1 da pesquisa, sendo mencionado que centros de empreendedorismo são hoje uma tendência. Centros de empreendedorismo são espaços adicionais propostos pelas instituições para a realização de palestras, seminários e cursos livres, englobando todas as faculdades da mesma instituição e também listados no estudo de Hashimoto (2013) como essenciais à formação do empreendedor, especialmente em instituições de ensino. Os entrevistados desta pesquisa consideraram que os Centros não são foco de instituições públicas, como as investigadas, mas o são em instituições particulares de ensino superior.

Um acréscimo nos espaços possíveis para o ensino de empreendedorismo foi feito por dois entre os nove respondentes e diz respeito à existência de núcleos ou ligas de empreendedorismo dentro das universidades. Ligas ou núcleos são movimentos autônomos e espontâneos de alunos e professores, chamados, segundo um dos respondentes, *grassroots*. São movimentos que têm uma força propulsora muito importante para o empreendedorismo e passam a ter, inclusive, apoio institucional e força dentro das universidades. Nos EUA, tais movimentos passaram a ser denominados como *Entrepreneurship Clubs* e, na Europa, de *Entrepreneurship Societies*. Para os entrevistados, esses movimentos não são substitutos de disciplinas, mas complementares, e passaram, portanto, a fazer parte da proposta que será apresentada na seção 5.

Também foram mencionados outros espaços que não fazem parte da universidade em si, mas que podem ou poderiam estar a ela relacionados de forma a fomentar o empreendedorismo. Os entrevistados se lembraram de instituições de fomento, como o Sebrae e Endeavor, das muitas aceleradoras que surgiram em nosso país nos últimos anos e possuem um papel fundamental para os que almejam desenvolver um negócio inovador, bem como a existência de cursos livres que poderiam ofertar opções de desenvolvimento para aqueles que assim o desejem. Tais espaços são fundamentais para o desenvolvimento de um comportamento empreendedor, o que vai ao encontro do estudo de Coda (2016), que considera ser possível desenvolver características comportamentais, inclusive a empreendedora.

Atendendo a um dos objetivos da pesquisa e respondendo à questão norteadora da mesma, pode-se observar, no Quadro 4, os espaços levantados com a pesquisa de campo realizada.

Quadro 4: Espaços para o ensino e fomento de empreendedorismo

Espaço	Dado
Disciplinas	Secundário e Primário
Incubadoras	Secundário e Primário
Parques Tecnológicos	Secundário e Primário
Centros, Agências	Secundário e Primário
Núcleos/Ligas	Primário
Aceleradoras	Primário
Instituições de Fomento	Primário
Cursos Livres	Primário

Fora os espaços mencionados e incluídos no Quadro 4, a maioria dos entrevistados mencionou o papel do governo dentro de um modelo de ecossistema empreendedor, mesmo naquele voltado ao ensino, pois ações do mesmo influenciam as instituições e suas decisões. Tal elemento também é mencionado no modelo proposto por Isenberg (2010), bem como outros que poderiam ser incluídos, como a família, mas não foram mencionados pelos entrevistados e nem despontaram no levantamento de dados secundários, carecendo de investigação futura.

Alguns dos respondentes comentaram que a vida ou, em outras palavras, a vivência do cotidiano, também é essencial para a formação empreendedora dos jovens, sendo que um dos respondentes a caracterizou com a escola da vida.

Um tipo de espaço que apareceu na fase 1 da pesquisa foi a empresa júnior. Contudo, ao se investigar o propósito da existência das mesmas nas universidades em questão, percebeu-se que o foco era no aprendizado organizacional, e não diretamente no ensino de empreendedorismo ou no desenvolvimento de um comportamento empreendedor, o que carece, também, de estudo futuros.

5. Proposta de Ecosistema do Ensino de Empreendedorismo

A partir da leitura de Plonski e Carrer (2009), surgiu a ideia de ecossistema do ensino de empreendedorismo, ou seja, de utilizar um termo que despontou na academia em 2010, como apresentado na seção 2 deste artigo – ecossistema empreendedor –, para apresentar uma proposta de ecossistema que incluísse outros espaços além da sala de aula, a ser testado e validado em pesquisas futuras.

Ao discorrer sobre as fronteiras da universidade e os desafios impostos sobre a ampliação desses limites, Plonski e Carrer (2009) apresentam um discurso sobre incubadoras e o tripé sala de aula – laboratório – incubadora. Esses três espaços suportam o triângulo do conhecimento, mencionado na seção introdutória do presente artigo: a sala de aula para a disseminação do conhecimento existente, no laboratório, espaço incorporado a partir do século XIX, há a preocupação com a geração de conhecimentos novos, e no terceiro espaço, a incubadora, o alunado busca “aprender a ciência e arte de combinar conhecimentos preexistentes e novos na geração de valor percebido pela sociedade” (*Ibid.*, p.119).

Destaca-se que a incubadora se volta ao empreendedorismo entendido não apenas como a abertura de negócios, mas também como gestão de processos que possam transformar ideias em soluções para a sociedade. Inclusive, as incubadoras podem diminuir o hiato existente entre os conteúdos universitários e o que a empresa espera dos graduados, passando, então, a discursar sobre o papel da universidade na sociedade do conhecimento e a interação necessária entre os diversos atores

envolvidos – pesquisadores, professores, estudantes, famílias, empresas e governos – em prol de atender demandas da sociedade contemporânea.

A partir dos dados secundários levantados, a universidade foi compreendida como um ambiente amplo, sem fronteiras definidas, estando o objeto em estudo, *i.e.*, ensino de empreendedorismo, nela inserido. Governo, institutos de fomento – como SEBRAE e parques tecnológicos – apesar de, em geral, terem um relacionamento intrínseco com universidades em seu entorno, encontram-se fora dos limites da mesma, mas fazem parte de um ecossistema de fomento ao empreendedorismo, como percebido na seção 4.

Outros espaços foram mencionados pelos entrevistados, destacando-se as ligas ou núcleos de empreendedorismo e os centros de empreendedorismo. Esses são espaços que estão também dentro das universidades e que atuam como polo de fomento ao empreendedorismo.

Acredita-se que o ensino de empreendedorismo como meio para o desenvolvimento de comportamentos empreendedores necessite de espaços complementares ao da sala de aula. Em outras palavras, esse processo depende tanto de disciplinas em si mesmas, quanto de espaços adicionais internos da instituição ou mesmo externos a ela. Esses espaços (vide Quadro 4) foram levados em conta na elaboração de uma proposta de ecossistema do ensino de empreendedorismo, atendendo a um dos objetivos do estudo, que pode ser visualizada na Figura 1. A escola da vida mencionada na fase 2 da pesquisa foi interpretada na Figura 1 como ambiente social.

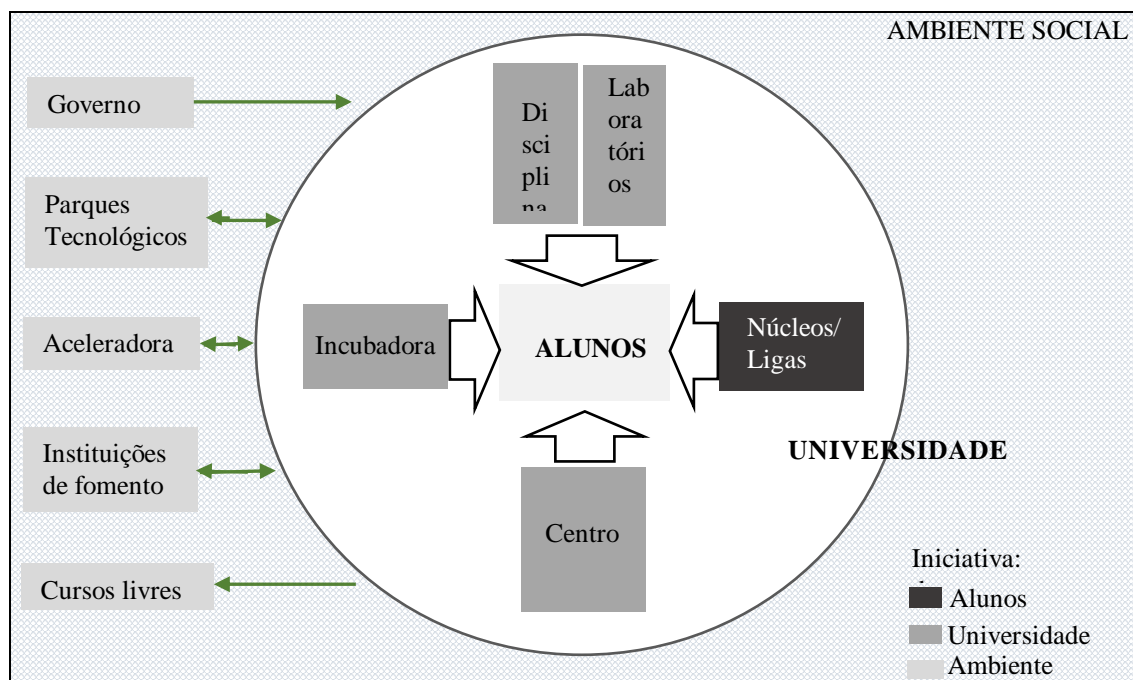


Figura 1: Ecosistema do Ensino de Empreendedorismo

Por esse prisma, e a partir das considerações de Plonski e Carrer (2009) sobre o espaço da sala de aula, tem-se que a disciplina de empreendedorismo deve possuir o foco no empreendedorismo como um fenômeno amplo, especialmente voltado para projetos e atitudes que podem nortear a vida do estudante, seja para a abertura de empresas, seja para outros projetos pessoais e profissionais. O aprendizado de comportamentos empreendedores poderá permitir que alguns sejam empreendedores num momento posterior, com projetos próprios, independentemente de sua natureza.

6. Considerações Finais

Com a realização desta pesquisa, e atendendo aos objetivos delineados, foram apresentados espaços existentes para o ensino de empreendedorismo em universidades brasileiras. Ademais, foi proposto um desenho inicial de um ecossistema do ensino empreendedor, com vistas a que pesquisas futuras possam testá-lo e aprimorá-lo. Em se tratando de um estudo exploratório, não houve a intenção de se ter um estudo conclusivo, mas de evidenciar a possibilidade de continuidade da pesquisa.

Após a realização das entrevistas em profundidade e a análise dos achados obtidos com o levantamento de dados secundários, percebeu-se que a disciplina de empreendedorismo tem a sua importância, dado que foi considerada pelos respondentes como instrumento essencial no ensino do empreendedorismo. Apesar de considerarem a sua importância, os entrevistados apontaram para a necessidade de se ampliar o ensino da temática para outros ambientes que possam ir além da disciplina, como centros de empreendedorismo, núcleos, ligas, incubadoras, a prática empresarial e até para a “escola da vida”.

A partir de tais relatos, percebeu-se que há uma distinção entre escola e disciplina, tidos muitas vezes como espaços que se confundem, vistos como intercambiáveis. Um espaço é o da disciplina, o da aula, no qual o docente tem a autonomia – ou deveria ter – para tratar das especificidades da área. O outro é o da escola, que pode, dadas as condições particulares de cada instituição, oferecer aprendizado em outros ambientes, como centros, núcleos, incubadoras e até em convênios com parques tecnológicos e instituições de fomento.

Trata-se de compreender que o ensino de empreendedorismo não se restringe aos limites da disciplina, mas que a mesma é um meio para despertar o interesse de alunos e para transmitir conhecimento acadêmico (dada a natureza de uma instituição de ensino), funcionando como uma espécie de mola propulsora para que aqueles que o queiram possam buscar outros espaços de forma intercambiável. É como se a disciplina tivesse sua borda mais transparente, de forma que outros espaços possam se aproximar e fazer parte desse contexto. Escolas em outras partes do mundo têm tido essa premissa como uma possibilidade, como a D-School de Stanford, que oferece diversos cursos e programas para alunos da Stanford University e também para a comunidade externa.

Grupos de pesquisa também poderiam ser um espaço interessante das instituições de ensino superior, de forma a disponibilizar conhecimento para alunos que tenham o interesse pela pesquisa da temática, em especial os de iniciação científica. Porém, percebe-se, pelo levantamento realizado, que esse ainda é um espaço que carece de maior amplitude e envolvimento de pesquisadores e alunos no que concerne ao tema empreendedorismo.

Destaca-se, ao encerrar a pesquisa, que em determinado momento, estes pesquisadores sentiram falta de ter ampliado sua pesquisa de dados secundários para instituições particulares de ensino, visto que essas poderiam ter práticas diferenciadas das investigadas na presente pesquisa que voltou seus esforços a cinco instituições públicas. Tal decisão não foi proposital, uma vez que a escolha das instituições que participariam da pesquisa ocorreu através do RUF (2015), mas pode ter tido impacto nos resultados obtidos e possivelmente causado vieses na pesquisa de ordem metodológica. Trata-se de corrigir tal prumo em momento oportuno, com a sequência da pesquisa e com sugestão de estudos futuros. Apesar de não ter sido objeto do presente estudo, as instituições particulares, pela percepção destes pesquisadores, possuem também um papel de destaque no ensino de empreendedorismo, uma vez que podem investir com maior facilidade no desenvolvimento de espaços complementares, como centros de empreendedorismo e laboratórios.

A partir de tais percepções, foi possível sugerir a continuidade da pesquisa, bem como outras possibilidades de estudos para futuros pesquisadores: (i) continuidade das entrevistas em profundidade, ampliando o convite para outros docentes brasileiros, inclusive possibilitando a quantificação dos achados; (ii) inserção de instituições particulares de ensino, buscando disciplinas e outros espaços complementares; e (iii) realização de um estudo comparativo com universidades situadas em outros países, reconhecidas academicamente como referência no que concerne à educação empreendedora.

Acredita-se que esta pesquisa poderá contribuir com instituições que almejem aprimorar o seu ensino de empreendedorismo. Fica, por fim, o convite para que outros pesquisadores deem continuidade ao desenho do ecossistema do ensino de empreendedorismo, aprimorando-o, modificando-o ou incluindo outros espaços como, por exemplo, empresas juniores. A discussão de outros elementos presentes em modelos de ecossistemas empreendedores, como governo e família, também é bem-vinda.

Referências

ANPROTEC. **Associação Nacional de Entidades Promotoras de Empreendimentos Inovadores**. Disponível em: <http://anprotec.org.br/site/menu/incubadoras-e-parques/>

Acesso em: 26/03/2016.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 2006. (Obra original publicada em 1977).

BERNARDES, M. E. B.; MARTINELLI, D. P. Programa de empreendedorismo em instituições de ensino superior: reflexões a partir de algumas experiências canadenses e americanas. **Revista de Negócios**, Blumenau, v. 9, n. 2, p. 117-126, abril/junho 2004.

CNPQ. **Diretório dos grupos de pesquisa no Brasil**. 2016. Disponível em: http://dgp.cnpq.br/dgp/faces/consulta/consulta_parametrizada.jsf Acesso em: 10/03/2016.

CODA, R. **Competências Comportamentais**: como mapear e desenvolver competências pessoais no trabalho. São Paulo: Atlas-Gen, 2016.

CORBETT, A. C. Experiential learning within the process of opportunity identification and exploitation. **Entrepreneurship Theory and Practice**, p.473-491, Jul. 2005.

ETZOWITZ, H.; WEBSTERB, A.; GEBHARDT, C.; TERRA, B. R. C. The future of the university and the university of the future: evolution of ivory tower to entrepreneurial paradigm. **Research Policy**, 29, p 313-330. 2000.

FILION, L. J. Empreendedorismo: empreendedores e proprietários-gerentes de pequenos negócios. **Revista de Administração da Universidade de São Paulo**, RAUSP, São Paulo, v.34, n.2, p.5-28, abr./jun. 1999.

FLICK, U. **Introdução à pesquisa qualitativa**. 3.ed. Porto Alegre: Artmed, 2009.

HANNON, P. D. Teaching pigeons to dance: sense and meaning in entrepreneurship education. **Education & Training**, v.48, n.5, p.296-308, 2006.

HASHIMOTO, Marcos. **Centro de Empreendedorismo no Brasil** (e-book). São Paulo: SEBRAE/SP, 2013.

HONIG, B. Entrepreneurship education: toward a model of contingency-based business planning. **Academy of Management Learning and Education**, v.3, n.3, p.258-273, 2004.

ISENBERG, D. How to start an entrepreneurial revolution. **Harvard Business Review**, v.88, n.6, p.40–50, 2010.

ISENBERG, D. The Entrepreneurship Ecosystem Strategy as a New Paradigm for Economic Policy: Principles for Cultivating Entrepreneurship. **The Babson Entrepreneurship Ecosystem Project**, maio/2011. Disponível em: <http://entrepreneurial-revolution.com/2011/12/09/the-entrepreneurship-ecosystem-strategy-as-a-new-paradigm-for-economic-development-principles-for-cultivating-entrepreneurship/> Acesso em: 29/03/2017.

JONES, C.; ENGLISH, J. A contemporary approach to entrepreneurship education. **Education & Training**, v.46, n.8/9, p.416-423, 2004.

KATZ, J. A. The chronology and intellectual trajectory of American entrepreneurship education. **Journal of Business Venturing**, v.18(2), p.283-300, 2003.

KATZ, J. A.; HANKE, R.; MAIDMENT, F.; WEAVER, K. M.; ALPI, S. Proposal for two model undergraduate curricula in entrepreneurship. **International Entrepreneurship Management Journal**, v.2, p.487–506, 2016. doi: 10.1007/s11365-014-0349-9.

KIRBY, D. A. Entrepreneurship education: can business schools meet the challenge? **Education + Training**, v. 46, n. 8/9, pp.510-519, 2004. doi: 10.1108/00400910410569632.

KON, F.; CUKIER, D.; MELO, C.; HAZZAN, O. A panorama of the Israeli software startup ecosystem. Technical report. **Social Science Research Network**, mar. 2014.

Disponível em: https://papers.ssrn.com/sol3/papers.cfm?abstract_id=2441157 Acesso em: 10/07/2016.

KRAKAUER, P. V. C.; SERRA, F. A. R.; ALMEIDA, M. I. R. Using experiential learning to teach entrepreneurship: a study with Brazilian undergraduate students.

International Journal of Educational Management, v. 31, n. 7, p. 986-999, 2017.

KURATKO, Donald F. Entrepreneurship education in the 21st century: from legitimization to leadership. **Coleman Foundation White Paper**, 2004. Disponível em: http://faculty.bus.olemiss.edu/dhawley/PMBA622%20SP07/Sloan/L3_M11_Entre_Education.pdf Acesso em 23/05/2016.

LE MOS, P. A. B. **Universidades e Ecossistemas de Empreendedorismo**: a gestão orientada por ecossistemas e empreendedorismo da Unicamp. Campinas: UNICAMP, 2012.

NECK, H. M.; GREENE, P. G. Entrepreneurship education: known worlds and new frontiers. **Journal of Small Business Management**, v.49 (1), p.55-70, 2011.

PLONSKI, G. A.; CARRER, C. C. A Inovação Tecnológica e a Educação para o Empreendedorismo. *In*: **USP 2034, planejando o futuro**. Suely Vilela, S.; LAJOLO, F. M. (org). São Paulo: EdUSP, 2009. Disponível em: http://www.iea.usp.br/iea/quem-somos/a-usp/desafios-institucionais-2014/usp_2034_planejando_o_futuro_livro_recentemente_publicado_pela_comissao_de_planejamento_da_usp1.pdf Acesso em: 08/06/2016.

POLITIS, D. The process of entrepreneurial learning: a conceptual framework. **Entrepreneurship Theory and Practice**, v.29, issue 4, p.399-424, Jul. 2005.

REGELE; M. D. NECK, H. M. The entrepreneurship education sub-ecosystem in the united states: opportunities to increase entrepreneurial activity. **Journal of Business and Entrepreneurship**, p.25-47, Winter, 2012.

RUF (RANKING UNIVERSITÁRIO FOLHA). 2015. **Ranking de Universidades**.

Disponível em: <http://ruf.folha.uol.com.br/2015/ranking-de-universidades/> Acesso em: 01/02/2016.

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS (UNICAMP). **Jovem, mas com tradição**.

Disponível em: <http://www.unicamp.br/unicamp/a-unicamp/atua%C3%A7%C3%A3o> Acesso em: 03/03/2016.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS (UFMG). **UFMG em números 2015**.

Disponível em: https://www.ufmg.br/conheca/nu_index.shtml Acesso em: 03/03/2016.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO (UFRJ). **UFRJ em números 2013**.

Disponível em: <https://www.ufrj.br/docs/lai/ufrj-em-numeros-2013.pdf> Acesso em: 03/03/2016.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL (UFRGS). **UFRGS em**

números 2014. <http://www.ufrgs.br/ufrgs/a-ufrgs/ufrgs-em-numeros/ufrgs-em-numeros-2014> e <http://www.ufrgs.br/ufrgs/a-ufrgs/historico> Acesso em: 03/03/2016.

UNIVERSIDADE SÃO PAULO (USP). **USP em números 2015**. Disponível em:

<http://www.usp.br/internationaloffice/index.php/midia/numeros/> Acesso em: 03/03/2016.

VANEVENHOVEN, J. Advances and challenges in entrepreneurship education.

Journal of Small Business Management, v.51 (3), p.466-470, 2013.

YIN, R. K. **Estudo de caso**: planejamento e métodos. 3ª. ed. Porto Alegre: Bookman, 2005.